



"O FAROL QUE ILUMINA CAMINHOS DA REVOLUÇÃO MOÇABICANA":  
A IMAGEM DE JOSINA MUTHEMBA MACHEL COMO INSTRUMENTO  
POLÍTICO (1975-1986)

"THE LIGHTHOUSE LIGHTING THE WAYS OF THE MOZABICAN  
REVOLUTION": THE IMAGE OF JOSINA MUTHEMBA MACHEL  
AS POLITICAL INSTRUMENT (1975-1986)

Júlia Tainá Monticeli Rocha

Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul (PPGH/PUCRS)  
juliamonticeli@hotmail.com

**Resumo:**

Durante o governo do primeiro presidente de Moçambique, Samora Moisés Machel, é possível perceber o desenvolvimento do imaginário popular sobre alguns importantes militantes da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) do período da luta anticolonial. Promovida pelas publicações oficiais do Partido da Frelimo através de coleções organizadas pelo Órgão de Informação e Propaganda e das publicações da revista Tempo após a independência do país, em 1975. O próprio Samora Moisés Machel é conhecido atualmente como o "pai da nação", assim como, o símbolo da emancipação feminina tem sua representação na figura de Josina M. Machel. Ou seja, não é apenas a construção de heróis nacionais homens em torno de mitos fundacionais que constituiu o imaginário popular moçambicano. É sobre essa emblemática mulher e a utilização política da imagem associada a ela que trataremos a seguir através da análise dos materiais produzidos entre 1975 a 1986.

**Abstract**

During the government of the first president of Mozambique, Samora Moisés Machel, it is possible to perceive the development of the popular imagination about some important elements of the Front for the Liberation of Mozambique (Frelimo) of the period of the anti-colonial struggle. Promoted by the official publications of the Frelimo Party through collections organized by the Information and Advertising Agency and the publications of Tempo magazine in the period after independence. Samora Moisés Machel is known today as the "father of the nation", just as the symbol of female emancipation has its representation in the figure of Josina M. Machel. It is not only the construction of national male heroes around foundational myths that constituted the Mozambican popular imagination. It is about this emblematic woman and the political use of the image associated with her that we will address below through the analysis of materials from 1975 to 1986.

**Palavra-Chaves:** História das mulheres; História da África; Moçambique; Mulher;

**Keywords:** History of women; African history; Mozambique; Woman;

## 1. Considerações iniciais

Moçambique é formado por uma multiplicidade de povos díspares. Como se sabe, a organização do extenso mapa étnico moçambicano nem sempre corresponde a fronteiras históricas ou naturais. Segundo, Sônia Correia e Eduardo Homem (1977), existem trinta e uma línguas diferentes originárias do tronco linguístico Banto correspondentes aos onze principais grupos étnicos que povoam Moçambique. Não apenas a língua é um de distinção entre esses povos, como suas organizações sociais e práticas culturais são bastante diversas.

Dessa forma, considera-se nesse trabalho a impossibilidade de se apresentar o conceito de mulher moçambicana. Uma vez que a diversidade étnica de Moçambique pouco contribuiu para a homogeneização do que é ser uma mulher moçambicana<sup>1</sup>. Esse fator foi crucial na formulação do projeto político e ideológico da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)<sup>2</sup>, ainda durante a luta anticolonial, na tentativa de desenvolver uma unidade nacional.

Quanto a isso, importa salientar que nesse artigo focalizaremos na política de memória<sup>3</sup> que a Frelimo estabelece, relacionando a imagem de Josina M. Machel, através da análise das fontes históricas<sup>4</sup> utilizadas nesse artigo. A luta armada torna fértil o terreno na criação de mitos fundadores da nação moçambicana<sup>5</sup>, e, por sua vez, a construção de figuras heroicas importantes para o programa político e ideológico do governo Frelimista após o fim da luta armada de libertação nacional.

---

<sup>1</sup> Outro importante diferencial cultural é a presença de sociedades matrilineares ao norte do território e sociedades patrilineares ao sul. Assim como, as práticas culturais de ambas as sociedades coexistem em diversos povos que formam o país. Esse fato torna possível a compreensão da diversidade de posições sociais que uma mulher em Moçambique pode assumir.

<sup>2</sup> A formação da FRELIMO, em 1962, se deu a partir de três movimentos de libertação do período: o Mozambique African National Union (MANU), a União Africana de Moçambique Independente (UNAMI) e a União Democrática de Moçambique (UDENAMO). O surgimento da frente unificada foi possível a partir do objetivo traçado em comum: o fim do colonialismo e a independência total do território.

<sup>3</sup> É por dentro dos debates de Pollak (1989), Le Goff (2003), e Ricoeur (2007) que esse artigo se insere na medida que esses autores contribuem para as discussões sobre políticas de memória e nacionalismos, alertando para os abusos da memória para fins políticos e ideológicos na construção dos nacionalismos como prática dos Estados Nacionais a partir do século XIX.

<sup>4</sup> As fontes históricas utilizadas estão vinculadas a coleção “Estudos e Orientações” são textos originalmente publicados durante toda a luta anticolonial, sendo eles em sua maioria de autoria do Samora Moisés Machel. Os documentos foram posteriormente impressos após a independência do país, em 1975, pelo Departamento de Informação e Propaganda (DIP) e também, publicados de 1978 a 1983 pelo Departamento de Trabalho Ideológico (DTI) ambos pertencentes a FRELIMO.

<sup>5</sup> Para Catroga (2005) os mitos de origem são fundamentais na edificação de projetos nacionais como marcos fundadores da nação.

A luta armada de libertação nacional realizada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)<sup>6</sup>, entre 1964 e 1974, contra o regime colonial português tornou viável o privilégio adquirido durante as negociações pela independência do país. Em 1975, na assinatura do acordo de Lusaka, a FRELIMO passa de movimento de libertação, para tornar-se partido político em um regime de partido único no governo. O líder revolucionário e primeiro presidente de Moçambique, Samora Moisés Machel, apenas desocupou o cargo após sua morte em 1986.

A Independência, desse modo, marca o início do desenvolvimento do projeto, formulado pela elite da Frelimo, que procurou criar um sentimento de nacionalismo em Moçambique através do projeto conhecido como “Homem novo” e “Mulher nova”. O novo homem e a nova mulher romperiam com o seu passado étnico, com suas tradições, ritos, costumes e sua língua. Desse modo, deveriam manter-se de acordo com os valores modernos da unidade nacional representada pelo projeto da Frelimo que, após 1977, durante o III Congresso do Partido define-se oficialmente marxista-leninista. A mulher e o homem novos foram definidos, sobretudo, como combatentes de todas as formas de opressões constituídas pelas heranças deixadas pelo colonialismo português e pelo sistema capitalista.

A partir de 1975, a mulher militante da Frelimo assumiu um posicionamento político essencial na vigilância dos “inimigos da revolução”. Ao mesmo passo, que passou a contribuir para as medidas para a aceleração da econômica ao serem mobilizadas para a produção. Correspondendo também a chamada do Partido na mobilização em torno da “luta ideológica” na constituição da “consciência coletiva” para a luta de classes.

Após dois anos do estabelecimento da República Popular de Moçambique a realização do III Congresso da Frelimo marca a tentativa de ruptura com o passado étnico e com a sociedade tradicional<sup>7</sup>. Esse posicionamento marca um processo de desordem social. A proibição de práticas culturais condenadas<sup>8</sup> pelo Partido Frelimo provoca uma tentativa de substituição destas por uma

---

<sup>6</sup> Nesse artigo utilizaremos um diferencial de FRELIMO com letras maiúsculas para identificar o período ainda como movimento revolucionário (antes de 1975) e Frelimo, com apenas a letra inicial em maiúscula, para identificar como partido único pós independência após 1975 com a oficialização do sistema de partido único durante o III Congresso da Frelimo.

<sup>7</sup> Usa-se o termo tradicional neste artigo para designar povos que mantinham costumes e práticas culturais próprias de suas etnias e que os diferenciam entre si. De nenhuma maneira seu significado está relacionado a povos estáticos ou parados no tempo.

<sup>8</sup> Os ritos, mitos e tradições das sociedades que formam Moçambique – tal como o caso da poligamia, os ritos de iniciação, o lobolo (negociação de noivas através do pagamento de um dote), o casamento infantil e forçado – foram práticas condenadas e proibidas nas zonas libertadas pela Frente, e após o estabelecimento da independência do país, a proibição dessas práticas passam a ser um plano de governo. As proibições eram justificadas pela FRELIMO, essas práticas culturais foram percebidas como fonte de sustentação da manutenção

nova organização revolucionária liderada pela Frelimo. O objetivo central estava na direção da construção de uma “sociedade nova” regulada por uma moral ética que consistiria a “mulher nova” moçambicana. Portanto, é importante ressaltar que a imposição da “mulher nova”, como um projeto político e ideológico, tentava estabelecer um novo padrão identitário caracterizado pelo rompimento ao passado étnico. O projeto político da Frelimo procurava apagar as diferenças étnicas para a construção de uma nação identitariamente unitária e homogênea representada pelo Partido único no governo. Esse fato marca o início de um processo de apagamento da diversidade e o silenciamento de culturas dos povos moçambicanos.

Para tanto, a Frelimo mobilizou ressignificações de símbolos e construiu a imagem mítica da heroína Josina M. Machel, representante da “nova mulher”, ou seja, representante do projeto Frelimista. Para tanto, a sua imagem foi construída atrelada as necessidades do contexto político de sua criação. Após a sua morte 7 de abril de 1971, a vinculação de sua imagem como ícone da emancipação feminina moçambicana se desenvolveu balizada pelas medidas tomadas pela Frelimo<sup>9</sup>. Dessa forma, a 5ª sessão do Comitê Central da Frelimo realizada em dezembro de 1972<sup>10</sup>, um ano após sua morte, o 7 de abril foi oficializado o dia nacional das mulheres moçambicanas, como mostra a resolução do comitê central daquele ano:

(...) o comitê central decidiu sob proposta das províncias e das mulheres moçambicanas considerar o dia 7 de Abril, data do falecimento da camarada Josina Machel (...) como dia da mulher moçambicana, para recordar o exemplo de militarismo e sacrifício que a vida da camarada Josina Machel demonstrou tanto como militante clandestina sob a ocupação colonial, como no seio do DF, onde seu trabalho pela revolução e pela emancipação da mulher consistiu um exemplo para todos os militantes revolucionários”. (COMITÊ CENTRAL [1972] in: *Tempo*, 1975 : p.2)

Embora atualmente o dia 3 de fevereiro é oficialmente reconhecido como o dia dos heróis moçambicanos, em homenagem à data de morte do primeiro líder revolucionário da FRELIMO, Eduardo Mondlane, é possível perceber que Josina M. Machel participa do espaço de

---

e de fixação da mentalidade dos jovens moçambicanos nas superstições, mitos e tabus que reforçavam os valores reacionários e conservadores das sociedades tradicionais (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976).

<sup>9</sup> Como exemplo dessas medidas, os reconhecimentos como no artigo 15º da Constituição da República Popular de Moçambique “reconhece e valoriza os sacrifícios daqueles que consagraram as suas vidas à luta de libertação nacional, à defesa da soberania e da democracia”, assim como, no artigo 122º “(...) reconhece e valoriza a participação da mulher na luta de libertação nacional, pela defesa da soberania e pela democracia”.

<sup>10</sup> Uma parte do comunicado oficial do Comitê Central da Frelimo está publicada na Revista Tempo, número 233, disponível na Biblioteca Virtual Aluka que reúne mais de 70 coleções contendo 190.000 páginas de documentos e imagens sobre as lutas de libertação da região da África Austral.

homenagens dedicado aos heróis fundadores da nação, ao lado, também, de Samora M. Machel<sup>11</sup>. Josina M. Machel foi usada como imagem simbólica de fixação da “nova mulher” moçambicana a partir da independência, em 1975. Sua imagem heroica vinculada a “nova mulher”, contribuía para o projeto Frelimista de unidade nacional. Seu comportamento em vida e os ideais que atribuíam a sua figura formaram o imaginário da mulher emancipada. Através de suas homenagens, impuseram a figura da mulher moçambicana idealizada pelo projeto político e ideológico desenvolvido pelo Partido Frelimo.

Importante relembrar, antes de seguirmos, que de acordo com Marçal M. Paredes (2014: p.132) a construção do nacionalismo moçambicano divide-se em três momentos principais: o primeiro, entre 1910/20 à 1962 antes da eclosão da luta armada pela independência; um segundo momento em 1962 à 1975 marcado pelo conflito armado e pela formação da FRELIMO e o terceiro iniciado após a Independência focado no ideário da Frelimo (a partir de 1975 como Partido único revolucionário) sob a liderança de Samora M. Machel de 1975 à 1986. É o período final que veremos a seguir de forma detalhada. Durante o período de transição do governo colonialista ao governo de Partido único da Frelimo referente aos caminhos desse ideário acerca da emancipação feminina. É esse momento histórico que a construção de Josina Muthemba Machel torna-se necessária como instrumento político.

## **2. A FRELIMO na edificação do projeto emancipatório da mulher**

Desde o I Congresso da FRELIMO, realizado de 23 a 28 de setembro de 1962, em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, proclamavam que “A união de todos os moçambicanos sem qualquer discriminação (...) nem de sexo, na luta por todos os meios para a liquidação imediata do colonialismo português e para a conquista da Independência Nacional” (FRELIMO, 1962: p. 17). Dessa forma, prenunciavam que a FRELIMO estava disposta a receber mulheres em sua luta anticolonial. Oficialmente essa ação foi concretizada somente em outubro de 1966, quando o Comitê Central determinou que fossem “feitos os esforços necessários para que todos os órgãos dos diferentes escalões da FRELIMO tenham na sua composição mulheres” (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1966: sem página).

---

<sup>11</sup> É importante destacar que não apenas pessoas recebem as homenagens, mas, também, organizações como o Destacamento Feminino, homenageado em 4 de março, oficialmente o dia do pelotão formado apenas por mulheres que atuou durante a luta anticolonial desde sua criação em 1967.

Os primeiros passos da edificação do projeto político e ideológico que visava a emancipação feminina, de Samora Moisés Machel e da elite da FRELIMO, se desenvolveu ainda nos anos da luta armada de libertação nacional. A “libertação da mulher” foi um objetivo estabelecido não apenas nas documentações oficiais do Movimento, como foi constituído por organizações especificamente femininas.

A primeira e fundamental organização feminina da FRELIMO para o desenrolar do projeto emancipatório da mulher foi a criação do Destacamento Feminino (DF). Segundo a documentação oficial, a criação do Destacamento Feminino se deu em 04 de março de 1967. De início, contava com a participação de 25 mulheres que integraram as Forças Populares da FRELIMO entre elas, segundo Josina Malique e Renato Matusse (2007) estava Josina M. Machel.

Outras leituras possíveis, contrariando a documentação oficial, como aponta a pesquisadora Isabel Casimiro (2004) ressalta que o Destacamento Feminino se formou a partir da vontade própria das mulheres que procuraram a base de treinamento da FRELIMO que dedicavam-se a impulsionar a Revolução em Moçambique e não por uma decisão espontânea do Movimento. Segundo Casimiro (2004), a mobilização dessas mulheres inicia ainda, em 1965, um ano após o começo da luta anticolonial. Eis como se constituiu o primeiro grupo do Destacamento Feminino.

A participação de muitas mulheres, como Josina M. Machel, no DF foi vinculada a sua participação no Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique - NESAM<sup>12</sup>. O Núcleo foi o responsável, segundo Jacimara Santana (2009), por fomentar a participação política de milhares de estudantes, entre eles jovens mulheres nas organizações da FRELIMO. Foi, dessa forma, um espaço clandestino de organização política entre jovens intelectuais moçambicanos. Os seus esforços estavam direcionados a divulgar uma propaganda anticolonial; realizavam campanhas de mobilização ilegais favoráveis à FRELIMO.

A insegurança sentida pelas mulheres, segundo a argumentação de Casimiro (2004), impulsionou sua vontade de organização sobre a liderança da FRELIMO. No sul do país, era comum a ausência masculina nas comunidades. Devido ao trabalho forçado, instituído pela colonização portuguesa, milhares de homens foram levados às minas localizadas na África do Sul. Como consequência à ausência dos homens, povoados inteiros eram formados por crianças,

---

<sup>12</sup> Organização fundada em 1949 em Lourenço Marques (atual Maputo) por Eduardo Mondlane primeiro líder revolucionário da FRELIMO.

velhos e mulheres, que assumiam o papel antes realizado pelos homens. Ao norte, o trabalho forçado não era comum como no sul, porém a mobilização de capital humano para o fortalecimento das bases militares da FRELIMO foi outro ponto que contribuiu para a ausência masculina, uma vez que a base militar da Frente localizava-se na Tanzânia. Esses dois fatores forçaram as mulheres a ocuparem os mais diversos espaços sociais, exercendo inúmeras atividades econômicas.

O reconhecimento pelo Comitê Central, contudo, foi registrado somente em 1972, apontando a criação do DF como uma das decisões mais importantes tomadas pela organização dentro das Forças Populares de Libertação de Moçambique (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1972). É possível perceber que o reconhecimento das mulheres na luta anticolonial não foi assumido de maneira imediata, foram os ganhos resultados de seus trabalhos junto às tropas masculinas da FRELIMO que ocasionaram seu reconhecimento por parte da direção do Comitê Central.

As mulheres garantiram diversas vitórias no campo de batalha, além de sua ampla contribuição no campo político. Desse modo, a mulher foi reconhecida como ferramenta fundamental nas vitórias da FRELIMO contra o colonialismo português, como é possível ler nos documentos do Comitê.

Este fato, e a participação efetiva das mulheres no Destacamento Feminino, para além das limitações e insuficiências que teremos ocasião de verificar, representa um marco histórico na condição da mulher moçambicana, uma ruptura brusca, mas tornada imperativa por séculos de opressão a que se contrapunha o desencadeamento da luta armada de libertação nacional. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1972: p. 11)

A criação do DF durante a luta de libertação manteve ativa a participação das mulheres nos quadros da Frente. Recebiam treinamento político e militar e participavam diretamente na guerra anticolonial. Operaram como peças fundamentais no desenvolvimento de melhorias nos campos como da saúde, da educação e do saneamento básico nas zonas de libertadas, através das campanhas de mobilização<sup>13</sup> junto à população.

Até 1973, o único corpo organizacional existente exclusivamente de mulheres dentro da FRELIMO era o Destacamento Feminino, cuja estrutura era insuficiente em abranger a

---

<sup>13</sup> As campanhas de mobilização foram um dos objetivos centrais no início da criação do Destacamento Feminino, atuando nas mais diversas áreas nas zonas libertadas. Esse objetivo torna-se central novamente após a criação da Organização da Mulher Moçambicana.



totalidade das mulheres em território moçambicano. Conseqüentemente, muitas mulheres não obtinham os requisitos necessários para a participação militar e ficavam à margem da luta revolucionária.

Nesse sentido, foi necessária a criação de uma organização maior que mantivesse objetivos claros de reivindicação de direitos políticos e sociais referentes à emancipação das mulheres moçambicanas. Assim, foi decidido, em 1972, pelo Comitê Central a criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), que, oficialmente, deu-se em 1973 durante a I Conferência da Mulher Moçambicana.

Foi fruto do sucesso do Destacamento Feminino, que as mulheres tornaram viável a Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Segundo o Comitê Central, o mesmo sistema que juntamente com o colonialismo português submetia o homem ao trabalho forçado e ao pagamento de altos impostos também submetia a mulher à prostituição. Desse modo, a subjugação da mulher estava associada a aspectos externos relacionados aos valores reacionários e burgueses.

Além da exploração do corpo da mulher, o Comitê Central da FRELIMO condenou também outras práticas manifestadas no interior da própria sociedade tradicional moçambicana. Nessa perspectiva, delimitaram pontos gerais da existência das tradições que levaram a mulher à dominação passiva - e que, segundo as ordens da FRELIMO, suas instituições deveriam ser imediatamente eliminadas da cultura moçambicana - como sendo todas aquelas em que a mulher é vista como inferior ao homem. Para o Comitê:

Na sociedade tradicional a mulher encontra-se numa situação de inferioridade e esta submetida à dominação do homem, que se transmite sucessivamente do pai ao marido e mais tarde, por vezes, ao próprio filho. À mulher cabe um papel submisso e passivo e as suas funções sociais são rigorosamente delimitadas: fornecimento da mão-de-obra, em geral no sector agrícola, e procriação dos filhos. O primeiro aspecto - a mulher como fornecedora de mão-de-obra - está intimamente ligado ao modelo de produção existente na sociedade tradicional, que é o modelo da economia doméstica. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976: p. 6-7)

A sociedade tradicional é considerada nos documentos analisados para esse artigo como única e homogênea, de modo que não são percebidas as diferenças estruturais e culturais existentes entre as etnias que compõem Moçambique. As contradições culturais entre esses grupos não são discutidas pela FRELIMO, porque a sociedade tradicional promotora de práticas culturais condenadas pela Frelimo, é vista como um alvo a ser destruído, assim como é



imbuído a ela diversos aspectos generalizantes das muitas sociedades que formam o mosaico cultural moçambicano.

Foi no discurso de abertura da primeira Conferência da Organização da Mulher Moçambicana, realizada de 4 a 16 de Março de 1973, evento no qual sua criação se oficializou, que Samora Moisés Machel através de seu discurso de abertura define oficialmente questões importantes e particulares a serem defendidas pela OMM. Consideramos esse evento o marco inicial da criação de uma plataforma política sobre direitos femininos desenvolvida por intelectuais moçambicanos organizados no seio do Movimento revolucionário. Mantinham o total interesse nos aspectos políticos, sociais e culturais das mulheres que compunham o território do país. E, portanto, reivindicavam direitos femininos singulares.

O discurso de abertura da Conferência, proferido por Samora M. Machel, tornou-se material de estudo para os militantes da FRELIMO e recebeu como título: “A libertação da mulher é uma necessidade da Revolução, garantia de sua necessidade e condição de seu triunfo”. Esse evento aprovou os seus Estatutos e o Programa próprio da Organização e elegeu como Secretária Geral da Organização da Mulher Moçambicana a comandante Deolinda Guezimane<sup>14</sup>. A OMM foi considerada uma organização que homenageava a trajetória militante de Josina Machel e de seu trabalho político com as mulheres que manteve contato (MATUSSE E MALIQUE, 2007: p. 174). Como veremos a seguir, em 1973 época da criação da OMM, Josina Machel não estava mais viva, mas foi a partir desse momento que sua memória foi ressaltada e suas homenagens ganham progressivamente mais força após o fim da luta armada de libertação nacional.

Samora M. Machel afirmou que a emancipação feminina era extremamente necessária para a luta revolucionária e impulsionava a consolidação da luta de libertação da FRELIMO. Em seu discurso, colocou em pauta a mulher como o ser humano mais humilhado, explorado e oprimido dentro da sociedade colonial. Por outro lado, fez ver em suas palavras que tudo poderia ser diferente se estivessem filiadas à Organização das Mulher Moçambicana, em que a mulher

---

<sup>14</sup> Deolinda Guezimane é natural da Província de Sofala (Moçambique) se vinculou a FRELIMO em 1965. É umas das combatentes da luta anticolonial, membro do Destacamento Feminino e fundadora da OMM. Atualmente é Coronel na Reserva, membro do Conselho de Estado, membro de honra da OMM e membro do Comitê Central da FRELIMO.

tinha o lugar que lhe era de direito, assumindo uma imagem positiva na qual a mulher era capaz de se libertar das iniciativas que a mantêm como “escrava dos escravos”<sup>15</sup>.

Após perpassarmos pelas complexidades acerca da construção da identidade nacional em Moçambique no desenvolvimento do projeto político e ideológico formulado pela Frelimo no que tange a emancipação da mulher antes de 1975. Fundamental para que possamos compreender o papel reservado ao Destacamento Feminino e a Organização das Mulheres Moçambicanas desde sua criação. Todos esses aspectos são essenciais para continuarmos a análise sobre o nosso foco principal: a construção da imagem política de Josina M. Machel no âmbito de políticas exercidas pelo governo Frelimista. O projeto, principalmente após 1977, ficou conhecido como “homem novo” e “mulher nova” e constitui a temática que priorizamos nesta parte.

### **3. A imagem de Josina M. Machel como instrumento político**

Josina M. Machel foi integrante de destaque do primeiro núcleo de mulheres que formaram o Destacamento Feminino (DF), ativa militante já nos anos iniciais da luta armada de libertação nacional. Em 1968, após receber treinamento político e militar, atuou juntamente com o DF na Província de Cabo Delgado, no mesmo ano, participou como delegada do Segundo Congresso da FRELIMO realizado na Província de Niassa onde foi reconhecida como defensora de uma luta de caráter popular, ressaltando a importância da continuação do projeto de caráter emancipatório referente às mulheres. Ainda em 1968, assumiu o cargo de coordenadora da recém-criada Seção da Mulher no Departamento dos Negócios Estrangeiros onde operou na construção de orfanatos<sup>16</sup> e reestruturou o Centro Educacional de Tunduro (TEMPO, 1975: p.10).

Em 1969, casou com Samora M. Machel que ocupava o cargo de comandante militar e, no ano seguinte, em maio de 1970 se tornou o líder revolucionário da Frelimo. No mesmo ano,

---

<sup>15</sup> Por essa afirmação, o discurso citado tornou-se um clássico dos anos 70 devido a um debate em torno das estratégias para o desenvolvimento da emancipação feminina, assim como textos de Alexandra Kollontai e Vito Kapo. Muitos textos desse período sobre experiências concretas de participação feminina em processos revolucionários como na China, na Albânia e no Vietnã dão base para as discussões desenvolvidas pelo movimento feminista do período.

<sup>16</sup> A criação de orfanatos era trabalho do Departamento da Mulher que mantinha como objetivo mediar as resoluções de problemas sociais consequentes dos conflitos durante a luta anticolonial. Josina M. Machel foi reconhecida pela criação de orfanatos e no cuidado de crianças que perderam seus pais durante a luta anticolonial.

Josina M. Machel realizou missões ao interior de Moçambique em campanhas de mobilização de novos militantes, principalmente de mulheres. Josina mantinha ainda uma rotina de trabalho no exterior ao definir contatos com organizações femininas como a Organização da Mulher Angolana, a Organização da Mulher de Guiné-Bissau e a Organização da mulher da Tanzânia (MATUSSE e MALIQUE, 2007).

A primeira biografia de Josina M. Machel foi publicada pela Frelimo em seis de abril de 1975 pela Revista Tempo. Um marco importante para o início da criação e utilização da sua imagem política, quatro anos após sua morte, no ano da independência do país.

Em janeiro de 1971, meses antes de seu falecimento, durante uma reunião efetivada na Base Central do Niassa Oriental, realizou um discurso gravado em fita magnética. Uma das raras intervenções documentadas<sup>17</sup> de Josina Machel. Sua intervenção era destinada às reclamações de inúmeras mulheres que deveriam encaminhar seus filhos para escolas em outras provinciais das zonas libertadas. Em sua fala demonstra a sua defesa irrestrita ao programa e as ações da FRELIMO:

Eu também tenho uma criança, ela é ainda pequenina, mas deixei-a não porque não queira ficar sempre junto dela, mas devido às circunstâncias de trabalho da Revolução que não permitem sempre estar com ela. O mesmo vai acontecer convosco, e deste modo, se traçarmos um programa é preciso que as camaradas compreendam porque é que vai ser assim. É bom compreender que a FRELIMO ao traçar programas para vocês não é por que não queira que as camaradas vivam junto das vossas crianças – a FRELIMO sabe que as camaradas têm amor por elas, mas aqui o que é necessário é fazer um combate interno. Se as camaradas vêem que são militantes da FRELIMO e estão prontas para executar qualquer missão que a FRELIMO lhes confiar é porque sabem porque é que lutam. (MACHEL, J., [1971] in: Tempo, 1975: p. 10)

Em sua fala é possível perceber não somente a defesa irrestrita dos ideais revolucionários do Movimento, como ainda a separação em nível de importância da esfera pública-política e da esfera privada-doméstica. Há uma fala no sentido de convencer as mulheres em cederem às decisões tomadas pelo movimento. A imposição de encaminhar crianças às escolas criou um clima de desordem e tensão nas zonas libertadas da FRELIMO. Josina M. Machel trabalhou na forma de remediar esse conflito através da mediação que pouco abriu espaço para o diálogo com a realidade dessas mulheres. Uma vez que, contrariar as ordens da FRELIMO seria assumir um posicionamento opositor ao Movimento. Essas mesmas mulheres ao negarem a educação

---

<sup>17</sup> O material foi redigido pela Revista Tempo em Lourenço Marques, nº.236, 6 abril 1975, p.9-11.

revolucionária da FRELIMO as suas crianças eram acusadas de inimigas em defesa do “tribalismo” e “obscurantismo” da sociedade tradicional.

Josina M. Machel morreu em sete de abril de 1971, no hospital em Dar-Es-Salaam. Com apenas 25 anos de idade, nunca foram esclarecidas as causas de sua morte. Entretanto, seu funeral, foi acompanhado por um grande número pessoas, de diferentes nacionalidades, dentre elas os membros do Comitê Central da Frelimo, membros do governo da Tanzânia, representantes dos movimentos de libertação na África, representantes da Organização das Unidades Africanas e embaixadores de diferentes países (TEMPO, 1975)<sup>18</sup>. Durante seu funeral Marcelino dos Santos<sup>19</sup> enfatizou os atos históricos de Josina Machel salientando a grande falta de Josina na luta anticolonial. Seu funeral foi marcado por mensagens de condolência que elevavam o seu trabalho a nível heroico:

A camarada Josina, acrescentam as mensagens, foi a verdadeira imagem das altas virtudes moçambicanas, admirável pela sua capacidade de resolver problemas da luta, isenta de intrigas, amiga de todos quantos a viam, exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade, incansável nos trabalhos duros da Revolução; tribalismo e racismo foram seus inimigos e boatos não conhecia. A camarada Josina foi uma das dirigentes da nossa Organização, e ela dirigiu cabalmente o setor que lhe foi confinado com exemplos muito vivos para a nossa revolução, e o seu trabalho será para nós guia inesquecível na luta que ela nos deixou para continuar. Foi ela uma combatente que levantou bem alto a bandeira da Revolução Moçambicana. (...) Ela separou-se de nós e deixou-nos cheios de tristeza, mas o exemplo de sua vida, a sua dedicação e espírito de abnegação na luta pela salvação da Pátria, serão por nós recordados e imitados criadoramente na execução das tarefas impostas pela revolução moçambicana - frizaram as mensagens. (SANTOS, Marcelino [1971] in: Tempo, 1975: p. 15)

O “exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade” era a essência da sua imagem como heroína revolucionária e correspondia ao combate travado pela FRELIMO durante a luta anticolonial contra o capitalismo representado pelo colonialismo português e pela sociedade tradicional resistente ao projeto modernizador da Frelimo. Portanto, a imagem de Josina estava intimamente ligada a luta pela eliminação de práticas culturais

---

<sup>18</sup> Essas informações foram originalmente publicadas no Jornal 25 de Setembro pelo Órgão de Informação do Comissariado Político da Frelimo em 15 de abril de 1971 e republicadas na Revista Tempo em 1975.

<sup>19</sup> Marcelino dos Santos foi membro fundador da FRELIMO. Em 1969 fez parte juntamente com Samora M. Machel e Uria Simango da liderança da organização. Após a Independência, em 1975, assumiu o cargo de Ministro da Planificação e Desenvolvimento. Em 1977, deixa o cargo de ministro para presidir a Assembleia Popular, o primeiro parlamento do país. Como poeta, utilizava os pseudônimos de Kalungano e Lilinho Micaia, publicando poesias no Jornal Brado Africano, assim como, duas antologias publicadas pela Casa dos Estudantes do Império em Lisboa. Em 1987, pela Associação dos Escritores Moçambicanos publicou o livro “Canto do Amor Natural”.

condenadas pela FRELIMO e pelo combate a sociedade tradicional. Sua postura de total eliminação do passado étnico e seu esforço na construção da Pátria são traços marcantes representadas em suas biografias, ressaltada nas páginas dedicadas as suas homenagens.

Um mês após sua morte, Samora M. Machel da base da FRELIMO na Tanzânia, escreveu poesias em homenagem à Josina Machel publicadas somente quatro anos depois na revista *Tempo*. Ou seja, após a independência, 1975, onde é possível perceber o início da construção de uma imagem heroica vinculada a Josina Machel como vanguarda de uma luta emancipatória e libertadora.

“Não te encontrei na casa,  
Mas no rosto de toda a gente,  
Na machamba e na horta  
VI-TE VIVA! (...)  
É doloroso perdermos o quadro,  
É doloroso perdemos a mulher  
Que soube na revolução emancipar-se  
É doloroso perdermos-te  
Quando ainda somos tão poucos e tanto resta a fazer.  
É doloroso perdermos aquela que combinou inteligência com o matope para  
fazer crescer a planta nova.  
É doloroso perdermos quem no mundo e na Pátria  
ASSUMIU A NOVA MULHER MOÇAMBICANA. (...)  
Assim, na luta na revolução te encontro continuamente  
A minha vida pertence à revolução.” (MACHEL, S. [1971] in: *Tempo*, 1975:  
p. 12)

A construção da identificação da Josina a qualquer mulher moçambicana está presente nesse imaginário simbólico construído pela Frente de Libertação. A sua imagem servia como exemplo ainda vivo da “nova” mulher militante da Frelimo. Essas mulheres podiam atuar nas machambas<sup>20</sup> ou no meio urbano, porém, todas deveriam moldar o seu comportamento moral e ético a partir da imagem e do exemplo de Josina Machel como combatente. Auxiliando nessa forma nas políticas mantidas pelo Partido, assim como, na construção de uma unidade nacional através da criação da imagem unitária da “nova mulher” objetivo central do projeto político e ideológico proposto pela Frente. A sua imagem estava associada constantemente a posturas rígidas, sendo dessa forma, retratada em uniformes militares, portando armas e um semblante sério integrando as fileiras do exército da Frelimo.

---

<sup>20</sup> Palavra utilizada para a identificação de terrenos agrícolas em Moçambique.

Em seis de abril de 1975, no quarto aniversário de sua morte e ano da independência de Moçambique, a Revista Tempo publicou outra poesia feita por Samora M. Machel em homenagem ao aniversário de morte de Josina. Essa publicação foi acompanhada por uma pequena introdução de letras grandes onde se lia “O camarada presidente Samora Moisés Machel não é um homem insensível a dor” (TEMPO, 1975: p. 10). Sendo a figura da Josina, também usada para atribuir características positivas à imagem de Samora M. Machel como pai, marido, companheiro que “duramente desempenha as tarefas da revolução” (TEMPO, 1975: p.10) acima de suas dores.

Josina tu não morreste por que assumimos as tuas preocupações e elas vivem em mim.  
Não morreste, porque os interesses fundamentais que defendias foram integralmente recebidos por nós, como herança.  
Definitivamente te separaste de nós e a arma e mochila que deixaste, esses teus instrumentos de trabalho, fazem agora parte da minha carga.(...)  
Do teu pensamento farei a enxada que revolve a terra rica do teu sacrifício  
E crescerão os frutos novos.  
Que a guerra se alimenta do sangue dos melhores que temos daqueles que mais amamos  
Assim a missão do teu sangue: fazer dele exemplo vivo a ser assumido, misturá-lo profundamente à terra criadora, para que ele nunca seja inútil.  
A minha alegria é que como patriota e mulher morreste duplamente livre, neste tempo em que cresce o poder novo e a mulher nova. (MACHEL, S. [1971] in: Tempo, 1975: p. 13)

É importante ressaltar a modificação da imagem da Josina Machel, nesta publicação, da mulher-militante revolucionária para a ideia simbólica e subjetiva de um “pensamento” que como uma “enxada modifica a terra”, nesse caso, um instrumento político para a modificação da Nação. É possível perceber a modificação no discurso do Samora M. Machel, como nesse poema, com o fim da luta anticolonial trava uma luta moral e ética na construção de uma “nova sociedade”. Dessa forma, seu poema se mostra um prenúncio do objetivo central do projeto político Frelimista na ideia poética de uma mulher nova renascida da mesma terra, organizada através de um poder novo, parte da continuação da luta de Josina M. Machel integrada ao desenvolvimento de uma “nova nação”.

No editorial, do mesmo número da Revista Tempo, intitulado “A voz da mulher”, a homenagem à Josina Machel acompanhava os poemas de duas de suas companheiras do

Destacamento Feminino. Rosália Tembe<sup>21</sup> ressaltava a presença ainda viva de Josina M. Machel como exemplo de militância “Tu não morreste, jamais morrerás, amor e liberdade nunca poderão morrer” (TEMPO, 1975: p.13). Joana Nachake<sup>22</sup>, da mesma maneira reconheceu “Josina tu não morreste o teu sangue até agora serve como água corrente do mar” (TEMPO, 1975: p.13). A sua imortalidade era atribuída ao desenvolvimento da edificação da nova sociedade revolucionária, dessa forma, Josina Machel como instrumento político da Frelimo se tornou ícone da mulher emancipada e politicamente consciente.

Segundo Isabel Casimiro (2004) a Frelimo após a independência reivindicou o lugar de “herdeira dos ideais revolucionários do Iluminismo, do Socialismo Utópico e do ideário Marxista” (CASIMIRO, 2004: p. 186), assim como, a Frelimo se reivindicava herdeira da luta revolucionária de Josina M. Machel e a única capaz de continuar o seu trabalho revolucionário. Sua imagem foi marcada, após a independência, pela renúncia de sua própria vida pela Revolução e pela reconstrução nacional. A imagem heroica de Josina Machel, vinculada a uma ideia mítica do espírito de liberdade e coragem da luta da “nova” mulher da Frelimo, reforçava a ideia do movimento de vanguarda de uma luta libertária socialista e emancipatória.

A biografia de Josina Machel foi contada pela Frelimo através da revista Tempo e das publicações oficiais do Partido e pouco foi conhecido sobre a vida dela em outras fontes. Esse fato auxilia na construção de uma imagem do tipo ideal para o movimento. Outras informações sobre a Josina M. Machel só foram reveladas seis anos após a última publicação contendo sua biografia. No décimo aniversário de sua morte, em 1981, a Secretaria Nacional Organização da Mulher Moçambicana através do Instituto Nacional do Livro e do Disco publicaram em sua homenagem uma terceira biografia intitulada “7 de abril de 1981 10º aniversário da morte da camarada Josina Machel símbolo da mulher moçambicana combatente” onde se lê como subtítulo: “Mulher moçambicana: cumprir as metas de produção é garantir o sucesso da luta contra o subdesenvolvimento, participemos activamente na defesa da nossa Pátria Socialista! ”. Nesse sentido, a imagem de Josina Machel também foi utilizada como propaganda política para

---

<sup>21</sup> Rosália Tembe foi integrante do primeiro grupo feminino a receber treinamento político e militar da FRELIMO formando o DF. Sua poesia faz parte do livro Antologia da poesia feminina dos PALOP de Xosé Lois García publicado em 1998.

<sup>22</sup> Joana Nachake foi integrante do primeiro grupo feminino a receber treinamento político e militar da FRELIMO formando o DF. Sua poesia faz parte do livro Antologia da poesia feminina dos PALOP de Xosé Lois García publicado em 1998.



as campanhas no aceleração da economia do país dois anos antes do IV Congresso da Frelimo e da implementação da Operação Produção em 1983<sup>23</sup>.

Essa publicação é carregada de detalhes sobre a vida de Josina Machel e de novos adjetivos atribuídos a ela como “esposa terna” e “mãe carinhosa”, apesar de nenhuma das biografias lidas anteriormente acrescentam detalhes sobre sua vida como esposa ou sobre sua gravidez e filho. A publicação estava de acordo com a imagem de mulher esposa e responsável pela formação revolucionária da nova geração características atribuídas à mulher, no desenvolvimento do projeto político e ideológico de Samora M Machel, como “primeira professora dos continuadores da Revolução”. Desta forma, a biografia atribuiu à Josina a imagem de um “farol que ilumina caminhos da Revolução Moçambicana” (SECRETARIADO NACIONAL DA OMM, 1981: p.5). A recordação da sua memória é percebida, nessa publicação, como um “dever da militância” que através dela reafirmam a determinação de sua participação nas tarefas da Revolução.

Essa publicação é acompanhada por dois longos poemas de dois reconhecidos poetas moçambicanos: Jorge Rebelo<sup>24</sup> e Sérgio Vieira<sup>25</sup>. Segunda a revista ambos os poemas foram realizados no ano da morte de Josina em 1971, porém só foram publicados dez anos depois, em 1981, na última biografia citada nesse artigo. Jorge Rebelo, Sérgio Vieira e outros poetas moçambicanos produziram poesias como instrumento político. Produziram materiais que promoviam seu posicionamento político e mobilizavam em favor do projeto político e ideológico da Frelimo, ao qual faziam parte. Deste modo, a figura de Josina Machel é atribuída a função de continuação da luta através da adaptação de sua figura as exigências pós independência:

DEIXASTE-NOS  
EM HERANÇA  
UMA FLOR DE SANGUE  
E pesa sobre nós  
a vermelha mensagem  
com mais veto que o ciclone,

---

<sup>23</sup> Segundo Omar Ribeiro Thomaz(2008) a operação produção era uma ação policial repressiva com o objetivo de enviar pessoas consideradas improdutivas, marginalizadas e prostitutas dos centros urbanos para zonas rurais. Onde aprenderiam o trabalho rural e se tornariam cidadãos moçambicanos produtivos após uma série de aulas educativas sobre o novo homem e a nova mulher moçambicanos aprendendo a ideologia marxista-leninista da Frelimo.

<sup>24</sup> Poeta e político moçambicano em 1981 era responsável, juntamente com Marcelino dos Santos, na campanha de alfabetização principalmente de mulheres.

<sup>25</sup> Poeta e político moçambicano exerceu o cargo Departamento de Educação e Cultura da Frelimo e após a independência de Moçambique, exerceu o cargo de Governador do Banco de Moçambique e o de Ministro da Administração Interna.

e dolorosamente,  
com a tristeza de uma carícia antiga,  
a recordação da tua graça,  
a flor (...)  
Na mochila pronta para a marcha  
que nos legaste,  
FICOU MORTA A MORTE  
PORQUE A MARCHA PROSSEGUE  
em cada acto novo  
de coragem.  
E hoje, também,  
continuar a luta  
é continuar a vida,  
é viver o teu exemplo.  
(VIEIRA, Sergio, [1971] in: Secretariado Nacional da OMM, 1981: p.18)

Dessa forma, não apenas Samora Moisés Machel através das publicações da Frelimo na Revista Tempo, como diversos outros políticos moçambicanos atuaram na construção da imagem de Josina M. Machel. O que se sabe, entretanto, é muito pouco sobre a vida pessoal e muito sobre o que ela significou para o projeto político e ideológico da Frelimo. Sua figura política era moldada a partir das necessidades políticas do período das publicações que a homenageavam. Até hoje sua figura é mobilizada, em sua maioria por figuras políticas que defendem a igualdade social e de gênero em Moçambique.

#### **4. Considerações finais**

Em nenhum momento durante a análise das publicações que compõem esse artigo, esteve presente a preocupação do projeto político e ideológico da Frelimo com questões femininas que não estivessem vinculadas a reconstrução nacional. Sendo assim, a emancipação da mulher sempre esteve a serviço do projeto político nacional, sem espaços de diálogo de questões exclusivamente femininas que pudessem ir contra os princípios estabelecidos pelo Partido no poder. A situação da mulher continuava a ser um assunto exclusivamente da Organização da Mulher Moçambicana. As ausências de um discurso democrático, agregador da multiplicidade étnica moçambicana, levaram a ignorar outras opressões sofridas pelas mulheres fora da esfera pública. As ausências desses apontamentos balizaram o projeto político que não questionava todas as posições privilegiadas do homem na sociedade.

Importa ainda perceber que o processo revolucionário foi fundamental para a criação de espaços exclusivos e conquistados por mulheres, como o Destacamento Feminino e a Organização da Mulher Moçambicana, promovendo oportunidades de participação política

através das campanhas de alfabetização e na modificação de leis e estatutos estabelecidos como objetivos centrais após 1977 durante o III Congresso da FRELIMO. Nesse sentido, foi imperativo refletir sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana percebida pela primeira vez como cidadã.

É após assumir como governo que o Partido Frelimo torna a figura da Josina M. Machel representante da “mulher nova” moçambicana. As biografias publicadas em revistas do Partido sobre Josina resumem o padrão único de mulher estabelecido pela Frelimo. Considerada exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade, a sua imagem refletia a essência da heroína revolucionária, intimamente ligada a luta pela eliminação de opressões identificadas pelo Partido. Dessa forma, Josina se tornou ícone da emancipação feminina e o dia sete de abril, data de sua morte, foi escolhido como dia da mulher moçambicana. Sua imagem foi moldada em resposta ao momento político permanecendo como um guia de encorajamento para a continuação da luta travada pelo Partido.

Não apenas os poemas foram utilizados na construção de sua imagem, como também canções e obras literárias. Sua figura como símbolo da emancipação feminina foi evocada constantemente. Esse fato é nítido, não apenas nas diversas crianças mulheres que receberam o nome de Josina como homenagem, como seu nome está em aldeias, ruas, bairros, avenidas, escolas e hospitais. Além de seu nome, o 7 de abril, data que eterniza sua presença também consta como homenagem em diversos locais. Não apenas em Moçambique, Angola ostenta o Hospital Josina Machel em sua capital como homenagem a sua figura.

Dito isso, fica patente a importância das nuances contextuais que estavam inseridos a imagem de Josina M. Machel como instrumento político da Frelimo. O estudo histórico é fundamental para a reflexão das múltiplas mobilizações do passado, e é sobretudo, um olhar atento à historicidade dos significados atribuídos. Ao mesmo passo que cresce o número de pesquisas nas ciências humanas sobre gênero, mulheres e feminismos torna-se imprescindível refletir sobre a pluralidade dos processos que pensam a imagem da mulher e a construção de mulheres símbolos de lutas femininas em diferentes escalas e contextos históricos.

### **Referências Bibliográficas**

5ª SESSÃO DO COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. *Revista Voz da Revolução*, 1972.

ATA DO I CONGRESSO. Disponível em: Biblioteca Digital da University of Southern California (USC). Disponível em:

<<http://digitallibrary.usc.edu/cdm/compoundobject/collection/p15799coll60/id/9258/rec/1>  
> Acesso em: 17 setembro de 2017

CASIMIRO, Isabel Maria. *Samora Machel e as Relações de Gênero*. Centros de Estudos Africanos. Estudos Moçambicanos. Maputo: 2005. p. 55 - 81.

\_\_\_\_\_. *Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique*. Maputo: Promédia, 2004.

CATROGA, F. *Nação, mito e rito: Religião Civil e Comemoracionismo*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. *A mulher é elemento transformador da sociedade*. Coleção Estudos e Orientações. n. 10. Maputo: outubro de 1976

CORREIA, Sônia; HOMEM, Eduardo. *Moçambique primeiras machambas*. Rio de Janeiro: Margem, 1977.

DIA DA MULHER MOÇAMBICANA: 7 de abril de 1975, quarto aniversário da morte de Josina Machel. *Revista Tempo*, n. 236, p. 2-8, Lourenço Marques, 1975.

FUNERAL DE JOSINA. *Revista Tempo*, n. 236, p. 14-15, Lourenço Marques, 1975.

LE GOFF, Jacques *História e Memória*. 5ª. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

MACHEL, Josina. Intervenção da Camarada Josina Machel no Niassa. *Revista Tempo*, n. 236, p. 9-11, Lourenço Marques, 1975.

MACHEL, Samora Moises. *A Libertação da mulher*. São Paulo: Parma, 1979. p. 13- 44.

MACHEL, Samora. Três poemas sobre Josina. *Revista Tempo*. n. 236, p. 12-13. Lourenço Marques, 1975.

MALIQUE, Josina e MATUSSE, Renato. *Josina Machel: ícone da emancipação da mulher moçambicana*. Maputo: ARPAC, 2007.

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da Identidade Nacional Moçambicana no pós-Independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. *Dossiê África*. Porto Alegre, Anos 90, v. 21, n. 40, p. 131-161, dez. 2014.

POLLACK, M. Memória, silêncio, esquecimento. Rio de Janeiro: *Estudos históricos*, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RELATÓRIO DA PLENÁRIA DE MOCUBA. MUIUANE, Armando Pedro. *Datas e Documentos da FRELIMO. De 1960 a 1975*. O ano da independência de Moçambique. Maputo: nov. 2006. p. 227-315.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985). *Revista SANKOFA de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. São Paulo. n. 4 dez. 2009.

SECRETARIADO NACIONAL DA OMM. *7 de Abril de 1981: 10.º aniversário da morte da camarada Josina Machel, da mulher moçambicana combatente*. Maputo, INLD, 1981.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista*. *Revista de Antropologia*. 2008, p. 177-214.

\*\*\*

#### **Sobre a autora:**

**Júlia Tainá Monticeli Rocha:** Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na linha de pesquisa Política, Intelectuais e Mídias desenvolvendo pesquisas em torno de organizações femininas em Moçambique e em Angola nas décadas de 1960 a 1980. Mestra em História pelo mesmo Programa de Pós Graduação em História. Formada no Curso Superior de História, licenciatura, pela PUCRS em 2015 e cursando História, bacharelado, na UFRGS desde 2017. Dedicar suas pesquisas na área de história da África e história das mulheres.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** 26 de agosto de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 15 de março de 2021.

\*\*\*

#### **Como citar:**

ROCHA, Júlia Tainá Monticeli. "O farol que ilumina caminhos da Revolução Moçambicana": a imagem de Josina Muthemba Machel como instrumento político (1975-1986). *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo da mulher negra na escrita da história das Áfricas e das Américas Ladinhas. Rio de Janeiro, n.º. 21, 2021. pp. 14-33. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2021.59154

